

Considerações finais

No decorrer deste trabalho, apresentamos as linhas gerais do pensamento de Espinosa, Freud e Winnicott sobre o tema dos afetos e da sensorialidade no contexto dos processos de subjetivação. Marcando diferenças e apontando algumas aproximações, buscamos enfatizar, em suas respectivas leituras sobre o tema, elementos que possam apontar para a construção de uma “clínica psicanalítica da potência” (Martins, 2009), ou uma “clínica da experiência” (Naffah Neto, 2007). Uma clínica que, em sua teoria e sua técnica, possa proporcionar ao homem a expansão de sua potência através da complexificação das formas que ele possui de afetar e ser afetado pelo ambiente em uma experiência singular. Assim, nesta conclusão, procuraremos traçar alguns pontos para uma interlocução possível entre as teorias dos afetos de Espinosa, Freud e Winnicott, enfatizando as noções mais caras à construção de uma clínica adequada à contemporaneidade e mais próxima da experiência afetiva e sensível presente nos processos de subjetivação. Da mesma forma, também procuraremos ressaltar as noções que podem atuar como entraves à constituição de uma clínica conectada com a experiência da transicionalidade que é própria da dinâmica afetiva e do âmbito sensorial da experiência.

O domínio dos afetos e das intensidades se constitui como o lugar do qual brotam muitas linguagens possíveis, assim como também pode ser entendido como o campo sobre o qual as relações se dão, posto que é um espaço em que o *eu* se diferencia de si mesmo através das modificações que empreende quando se deixa afetar pelos encontros com a diferença. No espaço de trânsito que caracteriza o domínio afetivo da experiência, as intensidades se transmitem entre os corpos e, assim, eles podem alargar os seus limites nas composições que formam com os outros corpos da natureza. Também é nesse espaço-tempo afetivo que as experiências de criação acontecem, pois só é possível criar outros mundos quando não estamos refugiados em um território estritamente pessoal e objetivo, mas aberto aos encontros com a diferença.

Com Espinosa, vimos que os afetos são transições de potência que não são entendidas necessariamente como paixões em oposição à razão, pois também

existem afetos ativos, que aumentam a potência de existir de um determinado corpo. Com o auxílio do filósofo holandês, podemos avaliar uma existência através dos mapas de afetos traçados nos encontros que realiza. Observando quais são os afetos mais recorrentes em um modo de viver, poderemos concluir se se trata de uma vida potente ou despotencializada, forte ou fraca, alegre ou triste. Os afetos de que um corpo é capaz servem para conhecermos de que forma esse corpo se compõe com os outros. A ética espinosana se dá pela organização de encontros potencializantes, isto é, pela construção de um plano de consistência para viver experiências que produzam afetos alegres. Esta poderia ser também uma ética clínica. O que provoca o pensamento? Quais relações produzem aumentos de potência para um determinado indivíduo, que já é, ele mesmo, uma soma de indivíduos em relação de composição que persevera na existência? Como fazer a composição do próprio corpo com o corpo de quem cuidamos clinicamente?

Talvez Winnicott, com sua teoria sobre os processos de desenvolvimento emocional do homem, possa ter nos ajudado, senão a responder, ao menos a criar um caminho para pensarmos sobre essas questões. Como vimos, o pediatra e psicanalista inglês se dedica a pensar as condições sobre as quais o desenvolvimento do bebê pode se dar, já que na sua concepção da natureza humana há uma continuidade entre indivíduo e ambiente. O conceito de fenômeno transicional se refere a um espaço que não é objetivo nem subjetivo, pessoal nem cultural, mas intensivo. É nesse espaço que as transições afetivas podem ocorrer; esse é também o espaço da criatividade e de uma série de outras vivências de trânsito entre o indivíduo e o que o cerca. Dessa forma, o desenvolvimento emocional do homem não está desconectado do entorno em que vive. A partir da descrição que Winnicott faz da relação mãe-bebê, o autor trata das condições necessárias ao desenvolvimento emocional do bebê humano e nos dá as pistas para atuarmos clinicamente. No termos do autor inglês, quando a mãe não foi *suficientemente boa*, o que não inclui apenas a pessoa da mãe, mas todo o ambiente em torno do qual o bebê se desenvolveu, o analista muitas vezes terá que atuar de forma a prover ao paciente as condições que não lhe foram dadas em sua vida pregressa. Nesses casos, o objetivo da análise será fornecer as condições necessárias para que o paciente possa se desenvolver a partir de si mesmo, isto é, ser ativo em relação ao ambiente, o que também significa fornecer um plano de

consistência para que o mesmo possa viver experiências e apropriar-se delas. Mas o analista só poderá atuar nesse sentido se também estiver vivendo uma experiência afetiva e criativa nesse encontro. O analista não está ouvindo de fora o discurso do paciente, mas participa desse encontro e tenta compor relações que aumentem a potência dos dois polos que a compõem – analista e paciente –, assim como do próprio vínculo entre eles.

Como foi visto, uma das consequências técnicas do pensamento de Winnicott é que a clínica não tem a intenção de encontrar representações que possam atribuir sentido a um caos afetivo, mas proporcionar ao indivíduo a possibilidade de organizar encontros que aumentem sua potência no sentido de uma complexificação de suas formas de ser afetado pelo ambiente, sem que se defenda encerrando-se em um mundo interno desconectado da realidade compartilhada, como seria no caso do estabelecimento de um *falso self*. Portanto, os âmbitos energético e representacional não são engendrados por substâncias distintas que se relacionam por meio de representantes psíquicos, como em Freud, mas supõem uma continuidade entre natureza e cultura, visto que o caos convive com as tentativas de ordenação a ele no mesmo espaço contínuo de relações recíprocas.

Nesse sentido, Espinosa também se distingue de Freud, pois, para o filósofo holandês, os afetos são parte da potência da natureza, enquanto que para Freud, os afetos fazem parte do caos da natureza, e o âmbito representativo se caracteriza por ser a dimensão propriamente humana. Assim, a clínica atua no próprio registro da representação e ao analista caberá fazer interpretações que deem sentido aos afetos “desgovernados”, pura energia sem forma – ou em forma de angústia. Já com o auxílio das teorias de Espinosa e Winnicott, podemos dizer que o analista não está lá para procurar o sentido oculto daquilo que o paciente lhe conta, mas para viver experiências com esse discurso e com o encontro intensivo e corporal que também faz parte de sua vivência subjetiva, não menos do que a do paciente, pois é através dessa experiência que o analista poderá agir no encontro clínico.

Mas podemos ver em Freud outras possibilidades além da separação entre afeto e representação compreendida pelo modelo do recalque, que privilegia o aspecto representacional em detrimento do afetivo. Como vimos, o mesmo Freud que trata do recalque e da pulsão de morte – ou será outro? – também, no começo

de sua obra, ressalta o caráter afetivo de sua “terapia”; esta só pode funcionar se ao discurso estiver conectada a dimensão intensiva do afeto. No entanto, a descarga que, para Freud, caracterizaria a dinâmica própria ao afeto acaba por torná-lo apenas um reflexo, enquanto que a cadeia representacional é o lugar de expressão do inconsciente simbólico e, portanto, da subjetividade aos olhos do criador da psicanálise. Para Freud, o inconsciente atemporal admite que a dimensão psíquica esteja muitas vezes desconectada da experiência atual, pois pode se dar como pura repetição de um passado representado psiquicamente, porém, sem a dimensão afetiva e intensiva que o acompanhava. Aqui, embora não concordemos com o fato de o inconsciente ser concebido como atemporal, pois os afetos estão intimamente relacionados com o tempo na concepção que pretendemos adotar, entendemos que o discurso verbal pode camuflar muitas nuances presentes na dimensão afetiva da experiência, porém, também pensamos que não será pela via da atribuição de sentido representacional que este mecanismo poderá ser sanado. Talvez possamos dizer que, embora Freud tente fazer um cotejamento constante entre teoria e prática clínica, e a psicanálise seja uma disciplina que trata da experiência vivida, o fato de Freud privilegiar a dimensão representacional da experiência faz com que sua teoria e sua técnica percam outras dimensões possíveis do próprio inconsciente e dos processos de subjetivação em geral.

Diferente de Freud, Espinosa é um autor que privilegia a experiência afetiva em sua teorização filosófica. Deleuze diz que a filosofia espinosana é uma filosofia prática, pois ela não está desconectada da experiência. Nesse sentido, a filosofia de Espinosa também se realiza *na* experiência. É prática porque não é algo a que se possa passar imune em termos afetivos, uma vez que, em um determinado momento desse encontro, o conceito já não se distingue da vida (Deleuze, 2002). Deleuze quer dizer com isso, entre outras coisas, que Espinosa constrói uma Ética que se opõe a uma Moral calcada em valores transcendentais. Ao invés de Bem e Mal, Espinosa fala de bons e maus encontros. Como foi visto, estes se definem, respectivamente, pelo aumento ou diminuição de nossa potência nestes encontros, não por leis ou princípios transcendentais que ditam as regras e valores que devem ser seguidos – seja com base em uma “normalidade” ou em uma “moralidade”. Podemos aumentar tanto nossa potência de afetar, como nossa potência de padecer. Podemos afirmar aquilo que nos potencializa ou, de outra

forma, aquilo de que padecemos. Essa possibilidade não é excluída do pensamento espinosano, mas apenas seremos éticos quando nos esforçarmos para nos unirmos àquilo que convém à nossa natureza, àquilo com o qual podemos compor relações. Mas daí surge outra pergunta: “como não fazer mais encontros maus do que bons?” (Deleuze, 2002).

Esse questionamento povoa toda a “Ética” de Espinosa. A crítica que o filósofo empreende às paixões tristes não se separa da sua teoria dos afetos/afecções. O indivíduo é entendido como uma essência singular, um grau de potência a que corresponde uma relação característica e, por consequência, certo poder de ser afetado. Espinosa não define um corpo por sua forma ou pela descrição dos seus órgãos, nem como uma substância, nem mesmo como um sujeito. Conforme o capítulo dedicado ao filósofo holandês, um corpo individual pode ser definido por *latitude* (afetos) e *longitude* (relações de movimento e repouso que o constituem) (Deleuze, 2002). Vimos, assim, que um corpo está em contínua transformação e não poderia, no pensamento de Espinosa, ser definido por uma estrutura ou essência imutável, nem mesmo por um conflito pulsional entre duas forças internas e contrárias.

O conflito pulsional está presente em toda a obra de Freud, até mesmo no fim, em que é representado pelo embate entre morte (*Tânatos*) e vida (*Eros*). No entanto, apesar de adjetivar a pulsão como “de vida” ou “de morte”, Freud também fala de uma *pulsão originária e sem representação*. Segundo Martins (2009), a pulsão de morte se impõe a Freud como uma “exigência especulativa” que tem o intuito de manter o conflito pulsional que fora desfeito em “Introdução ao Narcisismo” (Freud, 1914c). Talvez possamos entender, assim, que a pulsão de morte é uma das concessões feitas por Freud no sentido de adequar a psicanálise à ciência moderna, assim como vimos no capítulo dedicado ao autor. Pensar a pulsão originária sem adjetivá-la é uma alternativa para concebermos o interessante conceito freudiano de *pulsão*, porém, sem a necessidade de reproduzir em sua integralidade uma teoria que, por fim, acaba por se render ao estabelecimento de dualismos próprios à Modernidade. Ao longo deste trabalho, tivemos a intenção de destacar os elementos que pudessem nos ser úteis para pensarmos a clínica contemporânea e acreditamos que a concepção de uma pulsão de morte, isto é, de um impulso intrínseco à natureza humana no sentido da negatividade e da destrutividade, não nos seria favorável. Aqui preferimos

pensar com Winnicott em uma *agressividade primária* que está muito próxima da *motilidade* e que impulsiona a vida, não a direciona para a morte.

Porém, nos termos de Freud, podemos entender a pulsão originária como um pulsar/borbulhar próprio da vida (*anima*), que não possui um objeto específico, nem uma finalidade (Martins, 2009), mas se define como um “desejo sem objeto” (Bove, 2010), tal qual o *conatus* de Espinosa. Suas eventuais adjetivações seriam “expressões, derivações ou destinos possíveis da pulsão originária e das interações afetivas de nosso psiquismo com o mundo” (Martins, 2009, p. 328), não a causa das interações destrutivas ou negativas. A pulsão de morte não seria, assim, causa das mazelas do homem, de seu sadismo, de sua destrutividade, de suas depressões e de sua neurose, mas sim um efeito, uma reação a certos maus encontros do indivíduo com o ambiente e consigo mesmo (Idem) que instituiriam um padrão negativo de relacionamento, não sendo este, entretanto, entendido como uma força interna e originariamente negativa.

A gênese da vida social não será, assim, referida à submissão a uma lei *superegoica*, mas a um campo afetivo construído em sua positividade e produtividade. Algo mais próximo daquilo que Winnicott chamou de *superego espontâneo*, tendo em vista que é através da construção de um plano de consistência afetivo que o sentimento de confiança é vivido pelo bebê, dando passagem à construção de uma ética afetiva, ativa e criativa, assim como vimos no capítulo dedicado ao autor inglês. Uma ética que se baseia muito mais na organização de bons encontros, isto é, de composições afetivas/criativas com outros corpos, do que na submissão a qualquer princípio transcendente, como seria o caso de uma Moral.

Para Espinosa, a arte de organizar bons encontros não exclui a dimensão afetiva, mas também se refere à capacidade de formar *ideias adequadas* sobre os encontros que realizamos. A formação dessas ideias, entretanto, não se separa da nossa capacidade de afetar e ser afetado. A imaginação só é inadequada quando não sabemos que imaginamos. Como vimos no capítulo dedicado ao filósofo holandês, a imaginação não é o erro, mas a tomada de algo que está ausente como presente. Há sempre uma imagem que acompanha uma ideia, mesmo que esta seja adequada. Um dos pontos centrais da argumentação de Espinosa se encontra no fato de que não deixamos de imaginar, mesmo quando conhecemos clara e distintamente a natureza de um corpo, ou seja, não é pela razão que nos tornamos

livres, mas pela potencialização dos mecanismos afetivos no sentido da alegria, pois um afeto só é vencido por outro contrário e mais forte, nunca por uma ideia, mesmo que adequada.

Segundo Nogueira (2010, p. 21), “nós nunca saímos da imaginação, e isso não é um defeito, não é uma imperfeição. As imagens não são, em si, boas ou ruins, a imaginação é, em si, uma potência da mente”. A imaginação participa do caminho ético traçado por Espinosa porque os afetos são imagens da mente e afecções do corpo e não se pode prescindir deles: “Ordenar as imagens na mente é ordenar as afecções do corpo, é ordenar os afetos do indivíduo” (Idem, p. 22). A perspectiva dos encontros (afetivos) toma o lugar de identidades abstratas. Na filosofia de Espinosa, o homem não é concebido como sujeito do conhecimento, pois sua essência não cessa de se recriar nos encontros que estabelece com o que o cerca. O caminho no sentido da liberdade é constantemente refeito nos encontros. Nestes, ao afirmarmos nossa potência de agir, nos aproximamos cada vez mais “do ponto de conversão, do ponto de transmutação que nos tornará senhores dela, e por isso dignos de ação, de alegrias ativas” (Ibid., p. 34), isto é, das alegrias que não nos são impostas do exterior, mas nascem de nossa própria experiência nos encontros que realizamos.

O caminho ético proposto por Espinosa se dá na imanência dos encontros, na atualização de nossa potência de afetar e de ser afetado, no esforço que empreendemos para perseverarmos em nossa existência. O corpo vivo já é uma relação de composição que se esforça por manter suas proporções de movimento e de repouso (longitude), assim como as proporções derivadas das maneiras que este corpo é afetado (latitude). Estar vivo já indica uma atividade, um poder mínimo de ação que pode se complexificar de infinitas maneiras possíveis, de acordo com os encontros que este corpo realiza. Uma prática clínica afinada com a filosofia de Espinosa, portanto, estará a serviço da vida em sua plenitude, e procurará criar as condições para que a mesma possa se expandir em formas cada vez mais complexas de afetação e contra-afetação pelo ambiente.

Na concepção de Winnicott, um bebê humano não sobrevive se não conseguir compor relações com o ambiente. Porém, essa capacidade não é construída apenas pelo bebê no âmbito de uma *realidade interna*, pois é no próprio encontro com seus cuidadores e outros elementos que fazem parte da realidade da qual o bebê participa que essa capacidade é estabelecida. No entanto,

Winnicott também não se refere a capacidades que, uma vez alcançadas, chegam a um termo, mas a processos de idas e vindas até que algo possa ser apropriado pelo indivíduo. Da mesma forma, é importante lembrar que a capacidade de viver experiências também pode ser perdida se realizarmos encontros que diminuam em demasiado a nossa potência.

A afetividade e a sensorialidade são essenciais nesses processos; um corpo se complexifica cada vez mais por meio dos afetos que passa a ser capaz de vivenciar. Para Espinosa, o caminho no sentido da liberdade também é vivido como uma complexificação do corpo, já que, quanto mais afetos alegres um corpo pode viver, mais este corpo poderá se compor com a realidade e se posicionar ativamente no mundo em que vive. Como dissemos, a essência não será, assim, definida como aquilo que não muda em nós, mas como a “afetabilidade” intrínseca ao viver. Nas transições referentes aos afetos, o corpo se modifica e se expande pelos encontros que realiza, criando, dessa forma, novos modos de existência. Nesse sentido, a noção de afeto em Espinosa também se encontra com a teoria winnicottiana sobre a transicionalidade, pois, para Winnicott, um corpo vive quando pode criar uma perspectiva própria de existência que não seja determinada apenas pelas exigências da realidade, embora também esteja em relação com estas.

Nos termos daquilo que gostaríamos de ter ressaltado neste trabalho, a noção de subjetividade não se separa da processualidade presente na dinâmica de afetação e contra-afetação a que todos os corpos estão submetidos e que resulta nas variações de potência, que conhecemos como afetos. Um poder intrínseco ao ser humano é o de afetar e ser afetado das maneiras mais variadas, de acordo com a singularidade dos nossos corpos e mentes, e dos corpos e mentes daquilo que nos afeta. Assim, em Espinosa, não se trata de uma essência atrelada a um ego ou uma individualidade, da mesma forma que podemos dizer que em Winnicott o ego também é uma noção dinâmica, já que pode deixar de existir como tal se processos afetivos não forem atualizados na experiência. Na teoria de Winnicott, *ser é ter acesso ao espaço transicional* no qual experiências afetivas são vividas, *ser é, portanto, estar em devir, desterritorializar-se e formar novos territórios possíveis para existir criativa e afetivamente.*

Diante das considerações acerca das teorias dos afetos de Espinosa, Freud e Winnicott, cabe então pensarmos em maneiras de facilitar as composições de

potência, de forma que uma quantidade maior de indivíduos possa se compor com outros, criando assim um solo comum, seja entre os próprios homens ou entre estes e outros corpos, como acontece na arte. A sensorialidade e os afetos são fundamentais nesse processo de expansão, pois acreditamos que é apenas pela via dos encontros com a diferença que processos de subjetivação podem acontecer e se manter em curso. Na perspectiva que adotamos, a sexualidade não se exclui dos processos de subjetivação, mas se amplia para além do sentido da genitalidade, na direção do impulso ao encontro sensível com a alteridade.

A criação de novos modos de vida pode ser concebida como uma arte “menor”, que está mais próxima da experiência do viver do que da constituição de uma obra. A variação intrínseca aos afetos faz com que necessitemos estar em constante devir. Um corpo vivo tem que compor relações com uma série de elementos da natureza para permanecer na existência, por isso o processo vital está em permanente variação. Porém, sabemos que mecanismos defensivos podem ser engendrados para manter neutralizada a potência de afetação que um encontro proporciona. Por essa razão, acreditamos que a clínica psicanalítica pode ser conveniente para pôr novamente um corpo em devir e criar novos modos de vida possíveis.

Será que podemos conceber o processo analítico como uma prática que caminhe a favor da potência dos afetos? Se esta prática não estiver referida apenas à dimensão representacional da experiência, acreditamos que sim, pois a linguagem representacional não abarca todos os matizes presentes na linguagem sensorio-afetiva e, por esse motivo, se ater apenas àquela forma de linguagem também é uma tentativa de neutralização do movimento intrínseco aos afetos. Na concepção que gostaríamos de defender neste trabalho, a vida só vale a pena ser vivida se não estiver encerrada em nenhum tipo de estratificação que, *a priori*, tente anular o instante do encontro sensível. Assim, tentamos traçar um plano de inteligibilidade possível para a questão dos afetos e da sensorialidade nos processos de subjetivação em cada um dos autores analisados, e apresentamos estas como algumas das conclusões iniciais a que chegamos neste estudo preliminar das teorias dos afetos de Espinosa, Freud e Winnicott.